

---

---

# terra roxa

## e outras terras

Revista de Estudos Literários

---

---

### PAI-RAIOL E TIA BALBINA: NEGROS E FEITICEIROS

Carlo Machado Pianta (UFRGS)  
carlopianta@gmail.com

RESUMO: Este ensaio analisa a imagem dos negros feiticeiros no Brasil pré-abolição com base nos personagens Pai-Raiol (*As vítimas-algozes*, Joaquim Manuel de Macedo, 1869) e tia Balbina (*Motta Coqueiro ou a pena de morte*, José do Patrocínio, 1877). O autor faz um resumo dos livros; analisa as características dos personagens e suas diferenças entre si; e analisa a visão dos autores em função de sua base católica e a imagem geral de negros e feiticeiros em seu contexto cultural.

PALAVRAS-CHAVE: negros feiticeiros; negros escravos; literatura brasileira século XIX.

#### 1. OS ROMANCES E AS TESES

Antes de passar aos personagens que são objeto de minha análise, cumpre fazer uma breve apresentação dos livros onde eles aparecem. São livros pouco conhecidos atualmente e cuja leitura só se faz indispensável se houver um propósito específico de estudo. Em outras palavras, como literatura os textos são menores e muitas vezes maçantes.

*As vítimas-algozes*, o mais antigo deles, teve sua primeira edição em 1869 e uma segunda em 1896. A terceira edição vem somente em 1988, a propósito do centenário da abolição. Essa edição vem precedida do estudo “As vítimas-algozes e o imaginário do medo”, de Flora Süssekind e foi a edição utilizada por mim nesse ensaio. Há ainda uma edição mais recente, de 2006, da Editora Zouk, de Porto Alegre.

O outro texto por mim analisado, *Motta Coqueiro ou a pena de morte*, de José do Patrocínio, teve sua primeira edição em 1877. A segunda, que utilizei, é de 1977. (Há um importante erro de paginação nessa edição, que é a única (pouco) disponível atualmente: a numeração das páginas 106 a 115 não corresponde ao conteúdo das mesmas. Deve-se renumerá-las da seguinte forma: a página 106 é, na verdade, a 115; a 107 é ela mesma; a 108 é a 106; a 109 é a 111; a 110 é a 108; a 111 é a 109; a 112 é a 110; a 113

é a 112; a 114 é a 113 e, finalmente, a 115 é a 114.) Essa edição também é precedida de um importante ensaio, “Desvios da ficção”, de Silviano Santiago. Nesse ensaio, define-se o que é um *romance de tese*. Tanto *Motta Coqueiro* quanto *As vítimas-algozes* enquadram-se nessa definição. Faça-se a ressalva que *As vítimas-algozes* não é exatamente um romance, mas compõe-se de três noveletas que são chamadas por Flora Süssekind de *parábolas* e por Luiz Felipe de Alencastro de *contos* (Süssekind 1988: XXIII; Alencastro 1997: 90). Empregarei doravante a expressão *romance de tese* para referir-me aos dois textos.

O *romance de tese* é aquele texto que “oferece ao leitor uma ideia já amadurecida pela certeza” (Santiago 1977: 11). Trata-se de textos que procuram “tornar clara para o leitor uma determinada linha de pensamento do texto que deve, em última instância, coincidir com a própria maneira de pensar do autor” (Santiago 1977: 12). Flora Süssekind também refere-se ao texto de Silviano Santiago para a definição do que seja o *romance de tese* e complementa: “Já que o sentido do texto é predeterminado pela tese a ser comprovada, pela parábola a ser renarrada em cenário fluminense, uma vez fornecida a chave, não há o que discutir” (Süssekind 1988: XXXVI). Trata-se portanto de obras de convencimento, e a posição por trás dessas obras, as *teses* sustentadas por seus autores devem ficar claras para nós.

Joaquim Manuel de Macedo vai contra a imagem comum que dele temos como autor do adocadíssimo *A moreninha*. Com momentos de extrema crueza e linguagem violenta, ele sustenta, ao longo das três histórias de *As vítimas-algozes*, a necessidade de libertar os escravos. Seu argumento não é centrado em razões humanitárias. Ele argumenta que os escravos, em função das condições terríveis a que são submetidos, forçosamente se tornam inimigos de seus senhores, mesmo quando se trata daqueles que são educados e criados junto às famílias senhoriais. Sustenta que “a escravidão era péssima porque tornava o cativo um criminoso, um verdugo de seus senhores. De vítimas os escravos passavam a ser algozes; era preciso se desembaraçar deles, largá-los na natureza” (Alencastro 1997: 91). Em defesa de seu argumento, Macedo conta três histórias fictícias, mas que estavam, segundo consta na abertura do livro, com pés firmes na realidade. Ele diz: “Contar-vos-emos, pois, em pequenos e resumidos romances as histórias que vós sabeis, porque tendes sido delas testemunhas” (Macedo 1988: 5). O que, conforme Alencastro, era verdade: “todos os dramas contados em seu livro estavam cotidianamente estampados nos jornais” (Alencastro 1997: 91). Nessas histórias, as figuras centrais são escravos que destroem a vida de seus senhores e suas famílias através de envenenamentos, seduções, assassinatos, sempre baseados na astúcia, dissimulação, movidos por inevitável e profundo sentimento, facilitados pelo acesso à intimidade das famílias senhoriais.

A segunda dessas histórias é o objeto de minha análise. Intitula-se “Pai-Raiol - o feiticeiro” e narra de que modo este personagem destrói a vida de seus senhores. Com o auxílio (fundado numa prévia relação amorosa mas gradativamente mais movido pelo medo) de Esméria, sua amante, ele envenena, um a um, os membros da família, restando apenas o senhor, Paulo Borges. Seu propósito: a destruição de seus algozes, ora convertidos em vítimas. No final, o feiticeiro é morto. Mas a esposa e os

filhos de Paulo Borges já haviam sido mortos e este é condenado a uma velhice de dor e arrependimento por ter cedido aos encantos sedutores de Esméria e aberto, dessa forma, as portas da destruição daqueles que amava.

José do Patrocínio também era abolicionista, com o acréscimo de ser, ele mesmo, mestiço. Mas a tese central de *Motta Coqueiro* não é a necessidade de libertar os escravos. O objetivo do autor é condenar a pena de morte. O romance é baseado em fatos reais. Motta Coqueiro era o proprietário de umas terras de sesmaria em Macabu, Município de Macaé, Província do Rio de Janeiro. Cedeu a um agregado, Francisco Benedito da Silva, um pedaço de terreno para que este cultivasse. Em 15 de setembro de 1852, o agregado e toda sua família, à exceção de uma das filhas que não se encontrava em casa, foram barbaramente assassinados. Seus corpos foram empilhados dentro da casa e esta queimada. Devido a desavenças que vinham ocorrendo entre Motta Coqueiro e seu agregado, todos concluíram que o crime fora ordenado por aquele. Motta Coqueiro foi julgado, condenado e executado por enforcamento, sendo esta uma das últimas penas capitais aplicadas no segundo Reinado. Anos depois, um moribundo confessa a seu filho ter sido o autor do crime, inocentando o executado. Patrocínio conta a história à sua maneira, assumindo a verdade da confissão, e apresenta o romance como argumento para a irracionalidade e anti-cristianidade da pena de morte. Entre as testemunhas do processo está tia Balbina, a feiticeira da senzala de Coqueiro, que também foi quem instigou e fomentou as intrigas que resultaram na tragédia.

Coqueiro tem três filhas em idade de casar. Por uma delas, Mariquinhas, seu feitor, Manuel João, se apaixona. Mas ele era até então amante de Carolina, uma escrava que é então por ele desprezada, grávida. Carolina busca os conselhos de Balbina. Esta vê no rancor de Carolina a passagem para uma vingança maior (alimentada pelo ressentimento por ter sido castigada quando o senhor descobriu suas atividades feitiçeras) e também por ter sido afastada do filho do senhor que amamentara. Sua vingança torna-se a origem de toda a tragédia, e seu testemunho e influência sobre os outros escravos selam o destino de Motta Coqueiro.

## 2. OS FEITICEIROS

Posto que é objetivo desse estudo generalizar a imagem dos negros feiticeiros num dado contexto histórico a partir de exemplos da literatura, pode-se dizer que Macedo facilitou bastante o trabalho. No conjunto das histórias exemplares de seu livro, *Pai-Raiol* tem a exatamente função de representar os negros feiticeiros em suas características gerais. Os três primeiros capítulos são dedicados exclusivamente a elencar essas características. Cumpre lembrar que naquela época a doutrina católica (em que pesem suas múltiplas variantes) ainda passava por verdade incontestada, mesmo entre a absoluta maioria das elites cultas. Principalmente no contexto brasileiro, onde os ventos do racionalismo iluminista não ultrapassavam certos círculos mais esclarecidos. No entanto, a presença da cultura francesa era forte: novas tendências

se faziam sentir, ainda que muitas vezes na direção de definir bases científicas para a própria religião.

Nos textos examinados nesse trabalho, os poderes dos feiticeiros reconhecidos como eficazes são: o uso de ervas, que em Macedo aparecem somente com propósitos malignos - Patrocínio reconhece funções curativas, talvez em virtude da origem mestiça dele, como veremos - ; a habilidade de manipular os medos e credências dos outros escravos; e finalmente, ambos autores reconhecem poderes magnéticos dos feiticeiros, embasados nas tendências científicas da época. Alencastro nos mostra que, naquela época, disseminava-se

a influência conjunta, por intermédio de autores franceses e dos círculos francófilos, de três correntes de pensamento e de prática social que, numa certa medida, se completam no cotidiano do Segundo Império: o positivismo, o kardecismo e a homeopatia. (...) O kardecismo aparece como uma religião de brancos que integra o cientificismo e um dos componentes catárticos, liberadores, das religiões afro-brasileiras, o transe. Enfim, a homeopatia incorpora, como se verá em seguida, práticas da medicina afro-brasileira e da fitoterapia indígena. Médicos homeopatas interessam-se pelas curas obtidas mediante sonambulismo e o *magnetismo*, abrindo a via do kardecismo, enquanto os positivistas fazem propaganda da homeopatia. (Alencastro 1997: 44, grifo nosso)

Veremos que afora os poderes magnéticos e a habilidade no uso de ervas, todas as crenças africanas são vistas no texto de Macedo como vis, demoníacas e falsas. Na caracterização das feitiçaria (e da própria cultura africana), o feitiço dos negros, importado com estes de “suas aldeias selvagens da pátria”, integrando os “costumes, as crenças absurdas, as idéias falsas de uma religião extravagante, rudemente supersticiosa, e eivada de ridículos e estúpidos prejuízos” (Macedo 1988: 73), nada tem de positivo, não somente porque submerso na escravidão, mas porque oriundo de uma cultura originalmente maligna, ignorante e grotesca. “O feitiço tem o seu pagode, seus sacerdotes, seu culto, suas cerimônias, seus mistérios; tudo porém grotesco, repugnante, e escandaloso” (Macedo 1988: 74).

Não são as crenças dos africanos que são desvirtuadas pela escravidão: a escravidão é culpada de trazer essa cultura, “uma peste que nos veio com os escravos d’África”, “e ainda depois da emancipação dos escravos [permanecerá], enquanto a luz sagrada da liberdade não destruir todas as sombras, todos os vestígios negros da escravidão que nos trouxe da África as superstições, os erros, as misérias, e as torpidades da selvaticidade” (Macedo 1988: 75).

Em tudo, o texto dá continuidade a uma tradição - toda uma ideologia que justificava o processo colonial europeu - em que o outro é o outro e é o mal porque não é cristão (no caso dos portugueses, católico, pois os protestantes são hereges). Mas além da rejeição do paganismo, ou ainda na esteira dessa, há uma recusa total de tentar ver o mundo pelos olhos do outro.

Pai-Raiol é comprado por Paulo Borges num lote de escravos onde também se encontra Esméria, que já era sua amante em cativeiros anteriores. A descrição que Macedo faz dele é a descrição da face do mal, um demônio encarnado. Vale reproduzir:

Era um negro africano de trinta a trinta e seis anos de idade, um dos últimos importados da África pelo tráfico nefando: homem de baixa estatura, tinha o corpo exageradamente maior que as pernas; a cabeça grande, os olhos vesgos, mas brilhantes e impossíveis de se resistir à fixidade do seu olhar pela impressão incômoda do estrabismo duplo, e *por não sabermos que fluição de magnetismo infernal*; quanto ao mais, mostrava os caracteres físicos da sua raça; trazia porém nas faces cicatrizes vultuosas de sarjaduras recebidas na infância: um golpe de azorrague lhe partira pelo meio o lábio superior, e a fenda resultante deixara a descoberto dois dentes brancos, alvejantes, pontudos, dentes caninos que pareciam ostentar-se ameaçadores; sua boca era pois como mal fechada por três lábios; dois superiores e completamente separados, e um inferior perfeito: o rir aliás muito raro desse negro era hediondo por semelhante deformidade; a barba retorcida e pobre que ele tinha mal crescida no queixo, como erva mesquinha em solo árido, em vez de ornar afeitava-lhe o semblante; uma de suas orelhas perdera o terço da concha na parte superior cortada irregularmente em violência de castigo ou em furor de desordem; e finalmente braços longos prendendo-se a mãos descomunais que desciam à altura dos joelhos completavam-lhe o aspecto repugnante da figura mais antipática. (Macedo 1988: 88, grifo nosso)

Além da habilidade de envenenar, em dois momentos o autor reconhece o “poder magnético” de Pai-Raiol:

1) O poder de se comunicar e enfeitiçar cobras:

Uma vez Pai-Raiol conduziu Esméria ao bosque e parando em um lugar onde mais se cerrava o cipoal assobiou por vezes, imitando os silvos das serpentes; em breve acudiram uma depois de outra três cobras ameaçadoras; o negro fixou os olhos sobre elas, segurou junto da cabeça em uma que se enrolou em seu braço, depois deixou-a livre e assim enrolada, ameigou-a, tirou-a do braço, guardou-a no seio e por fim soltou-a no chão; e enquanto a crioula recuava tremendo de medo, repetiu o mesmo brinco, ou a mesma operação com outra cobra. (Macedo 1988: 88)

2) O poder de matar pintinhos com o olhar:

Por acaso os dous viram diante de si uma linda ninhada de pintainhos que a galinha mãe cacarejando conduzia pelo campo.

O terrível negro, que conhecia a influência do terror, aproveitou o ensejo e disse à crioula:

- Pai-Raiol pode muito, e sabe matar com os olhos: Esméria quer ver?...

A crioula não respondeu; mas o negro fixou os olhos na ninhada de pintainhos, como se os quisesse absorver nas órbitas.

O Pai-Raiol não tinha ideia alguma do magnetismo; mas extraordinariamente dotado de força magnética que só empregava para fazer mal, sabia que lhe era fácil servir-se do *olhado*, adjetivo que exprime uma realidade que, por inexplicável à ignorância, põe em tributo de quiméricos temores a imaginação dos supersticiosos.

Esméria considerava, contemplava ansiosa o negro que, imóvel e de olhos fitos, mirava a ninhada infeliz.

De repente o primeiro pintainho caiu, depois sucessivamente todos os outros foram também caindo.

- Pai-Raiol, quando quer, mata com os olhos - disse o negro, voltando-se. (Macedo 1988: 75, grifo nosso)

Esse é o único poder - ainda que não especificado como sobrenatural - que Macedo concedeu ao feitiço em seu texto. Afora isso, o que os feitiços dos negros nos dão, segundo ele?

Saem dele [o “culto grotesco” dos feiticeiros negros] envenenamentos que matam de súbito, ou que aos poucos dilaceram afluente a vida das vítimas.

Sai dele a conspiração assassina de escravos que levam a desolação a senzalas de parceiros e às casas dos senhores.

Saem dele o contágio da superstição, que é um flagelo, a aniquilação do brio, que é a ruína dos costumes e das noções do dever, a *religião do mal*, e o recurso ao poder de *uma entidade falsa, mas perversa*, que é a fonte aberta de confianças loucas, e de crimes encorajados por uma espécie de fanatismo selvagem, que por isso mesmo se torna mais tremendo e fatal. (Macedo 1988: 75, grifo nosso)

Tudo que se refere aos conhecimentos de Pai-Raiol ou é puro mal, o poder de envenenar os outros, ou é tido como credence absurda. “O feiticeiro não é nem mais nem menos do que um propinador de venenos vegetais” (Macedo 1988: 77). É notável que em momento algum a habilidade na manipulação das propriedades dos vegetais seja relacionada à sua capacidade de curar. Isso vai contra as tendências de uso de homeopatia na época, vai contra o texto de Patrocínio e, principalmente, contra os registros históricos: “Senhores de escravos procurando auxílio para doenças junto a seus próprios escravos ou aos de outros proprietários é um fato que não nos deve espantar. Abundam, nos cartórios, registros de cartas de alforria concedidas em agradecimento aos cuidados prestados pelos cativos nas enfermidades da família senhorial” (Moreira 2008: 224). Vemos também em Alencastro:

Ao longo dos anos, a presença - passageira nos navios ou permanente nos consultórios - de médicos americanos e europeus, ao lado dos debates das faculdades do Rio e da Bahia, liberou a medicina brasileira da estreiteza do

ensino coimbrão, dando lugar a uma heterodoxia médica que se contrapunha à heterodoxia social e cultural da corte. Como no resto do Império, cultuavam-se certos santo para a cura de doenças específicas. São Brás, contra as doenças da garganta; santa Luzia, contra as dos olhos; são Sebastião, contra as epidemias da varíola; são Bento, contra o veneno das cobras. (1997: 75-6)

Em *Motta Coqueiro*, a negra Carolina, grávida do feitor Manuel João, toma um preparado abortivo de Balbina. Fica às portas da morte, e é tratada pela esposa do senhor, sem sucesso. Como a moléstia surgiu de repente, os negros atribuem-na a feitiço: “Todos involuntariamente lembram-se da tia Balbina, sem todavia atribuir-lhe maus intentos para com a crioula, que nunca foi por ela maltratada; mas ao contrário sempre querida” (Patrocínio 1977: 76).

Com a iminente morte de Carolina, a própria senhora pensa em pedir auxílio à feiticeira, no que é atendida:

Talvez a Balbina conheça, dizia a dona de casa; o melhor é mandá-la vir, não é, Motta?

Depois de relutar, não só quanto às gerais manifestações sobre a moléstia [ou seja, se era de fato feitiço], Motta Coqueiro cedeu afinal, e a feiticeira trancou-se sozinha no quarto com a doente. (Patrocínio 1977: 76)

Mas não só da crioula Balbina é chamada a cuidar. Antonica, filha do agregado de Motta Coqueiro, tenta o suicídio por afogamento, é salva, mas necessita de cuidados. Balbina lhe assiste: “Na qualidade de mezinheira [curandeira] foi chamada a tia Balbina para debelar o mal que assobrosamente devastava o organismo da moça” (Patrocínio 1977: 103).

Deixemos agora José do Patrocínio nos apresentar sua feiticeira:

Era uma preta alta, corpulenta, de *olhos maus*, injetados de sangue, nariz grosso e beiços túmidos.

Atava-lhe a cabeça um lenço de chita vermelha com frisos brancos, e vestia-a até a cintura uma camisa branca de algodão trançado, e daí até os tornozelos salientes uma saia da mesma fazenda.

Era cabinda e chamava-se Balbina. Havia pouco tempo que se achava no sítio entre os escravos de Motta Coqueiro, *entretanto a sua autoridade sobre eles era maior do que a de seu senhor*.

Ouviam-na como a um oráculo e as suas ordens eram atendidas como se fossem decretos.

Afável nas horas de bom humor, rindo umas risadas expansivas, todavia nenhum dos seus parceiros atrevia-se a requisitar-lhe a reluzente frescura da sua pele de trinta e tantos anos.

O ascendente sobre os crédulos e broncos escravos do sítio foi conquistado por Balbina pelo dom especial que ela tinha de *conhecer as ervas eficazes no curativo de todas as moléstias* e ainda mais aquelas que tinham certas virtudes

especiais, tais como amansar os senhores, apatetar os brancos, e assentar o juízo dos amantes volúveis.

Diziam que ela tinha nas suas mãos a vida e a morte de todos, e para dá-las bastava apenas um olhar ou um assopro.

No eito tinham-na por vezes visto chegar-se junto as cobras adormecidas, ou enraivecidas, e enxotá-las. Os répteis fitavam-na, agitavam as línguas e as caudas, tomavam mesmo a atitude de dar o bote, mas de chofre acovardavam-se e corriam amedrontados à voz da negra que lhes ordenava a retirada imediata.

Alguns tímidos denunciaram a tia Balbina como feiticeira, e Motta Coqueiro, depois de descobrir em poder da preta os instrumentos próprios de tal arte, para prevenir os envenenamentos possíveis, fez castigar severamente a escrava. (Patrocínio 1977: 67-68, grifo nosso)

Nesse trecho encontram-se as características da personagem, suas semelhanças e diferenças em relação a Pai-Raiol.

Os “olhos maus” são o único traço físico da malignidade. De resto, podemos induzir tratar-se de uma mulher algo atraente, quando lemos que “nenhum dos seus parceiros atrevia-se a requestar-lhe a reluzente frescura da sua pele de trinta e tantos anos”. Fica claro que o respeito que impunha a seus colegas de senzala era devido a sua posição de feiticeira. Na referência aos conhecimentos fitoterápicos, há uma diferença crucial, pois ela além de poder envenenar, conhecia “as ervas eficazes no curativo de todas as moléstias”. No trecho podemos constatar que ela também possuía poderes magnéticos sobre os répteis. Aparece também o momento acima referido a respeito do castigo que recebera pelo simples fato de Motta Coqueiro haver descoberto que era uma feiticeira.

Vemos então uma abordagem algo diferente em Macedo e Patrocínio: esse tem um olhar mais brando, apresenta habilidades curativas em Balbina, não a descreve como pura feiúra (apesar dos “olhos maus”), e ainda nos dá exemplos concretos de castigos injustos recebidos. No texto de Macedo, o feitiço e o feiticeiro são puro mal.

Aquele primeiro castigo que Balbina recebeu, nos primeiros tempos de sua chegada à fazenda, é sucedido por outro, quando novamente suas práticas de feitiçaria são denunciadas. O castigo inflingido em razão da prática de feitiçaria é visto como uma atrocidade: “O castigo ia ter lugar com a barbaridade de que são sempre alvo os feiticeiros, entes malditos e execrados pelos homens do sertão” (Patrocínio 1977: 107).

A origem mestiça de Patrocínio provavelmente está relacionada a essa visão mais simpática, como também daquele que talvez seja o elemento mais interessante em todo seu maçante romance: uma visão ímpar na literatura do século XIX que nos leva para dentro da senzala, de seu cotidiano. Quando a escrava Carolina vai consultar Balbina pela primeira vez, entramos no quarto desta, temos descritos detalhes dos objetos; vemos todos os procedimentos em que a feiticeira consulta seu chocalho, vemos uma consulta de búzios!...

Esse olhar mais simpático do autor não somente em relação ao universo dos escravos mas da feitiçaria dos negros vai de encontro à hipótese de Silvano Santiago, de que o “conhecimento das coisas negras, por parte de José do Patrocínio, não viria das suas leituras (...) mas derivava de um trabalho inconsciente ao nível de sua própria *memória afetiva*” (Santiago 1977: 20, grifo nosso).

É importante acrescentar uma outra característica dos dois feiticeiros: a inteligência. Essa se manifesta não apenas em suas habilidades com as plantas mas também no fato de que essas habilidades estão a serviço de um plano, eles tem um objetivo de vingança e o executam primorosamente (ainda que Pai-Raiol seja derrotado no final). Esse é um poder importante, que se manifesta na cooptação de colaboradores, na dissimulação, sempre com um olhar adiante, dentro de um plano geral que só eles enxergam. Essa habilidade é manifesta em Balbina também no modo como espessa seus oráculos, garantindo sua imagem de saber das coisas: “...o poder de Balbina era o mistério e a dubiedade do sentido das suas palavras, que lhe deixava sempre aberta uma saída. Preferia o labirinto à linha reta” (Patrocínio 1977: 103).

### 3. CONCLUSÃO

A imagem do negro feiticeiro nos exemplos que examinei revelam sua filiação direta aos conceitos estabelecidos no início do processo colonial europeu, especificamente português. Os interesses econômicos de Portugal nas terras ocupadas culminou com o circuito comercial do Atlântico Sul, no processo de colonização portuguesa, “fundada no escravismo (...) englobando uma zona de produção escravista situada no litoral da América do Sul e uma zona de reprodução de escravos centrada em Angola” (Alencastro 2000: 9).

Esse é o contexto econômico e político. Nele, a noção de uma África bestial e habitada por uma sub-raça humana é decodificada em uma ideologia que vinha a justificar o domínio e o cativo dos africanos.

Narrativas sobre a estranheza da fauna e os rigores do clima ampliam o caráter desantropomórfico e desnaturante das perversões atribuídas às sociedades do Continente Negro. No *Esmeraldo* [*Esmeraldo de situ orbis*, de Duarte Pacheco Pereira, publicado em 1506, é uma síntese das experiências de navegação dos portugueses até então] vem escrito que negros com rabo de cão e cobras de quarto de légua corriam soltos na Guiné. Bestiários repertoriavam, desde a Antiguidade, as extravagâncias do reino animal na África. Com o advento dos Descobrimentos as transfigurações do imaginário ocidental se ampliam. Entretanto, o jesuíta Sandoval sugere um determinismo geográfico. No seu tratado sobre a escravidão negra, ele sustenta que os calores e os desertos da África misturavam todas as espécies e raças da natureza nas vizinhanças dos poços, criando um ecossistema particular capaz de engendrar

hibridações monstruosas. *Tal circunstância fazia da África o continente de todas as bestialidades, o território de eleição do demônio.*

Na ótica dessa ideologia, o africano “Comprado nas feiras africanas (e extraído do paganismo), marcado no embarque com o carimbo régio (e batizado no tumbeiro), revendido no Brasil (e posto a salvo em terra cristã), (...) já tinha meio caminho andado para o Paraíso ao desembarcar na América portuguesa” (Alencastro 2000: 184, grifo nosso).

Ainda segundo Alencastro, a legitimação jurídica vem com a bula *Romanus Pontifex* de 1455, editada pelo papa Nicolau V, justifica o combate aos mouros e “o comércio e posse de negros, visto que muitos deles, deportados para Portugal, se tornavam cristãos” (Alencastro 2000: 53). Aqui aparece a idéia de que escravizar um africano é um ato de bondade, pois em função de seu batismo compulsório sua alma está salva e, aconteça o que acontecer, ele já estará “melhor” do que antes.

Em *Os Lusíadas*, Camões reafirma essa visão, onde o protestante é o *herege*, o muçulmano é o *infiel*, o negro é quase um animal e a África é um berço de iniquidades. Alguns trechos que servem de exemplo: “...as terras viciosas/De África e de Ásia” (I,3); “...aquelas gentes inumanas” (I,60); “Quantos povos a terra produziu/De África toda, gente fera e estranha,” (III,103); “Vês África, dos bens do mundo avara,/Incult a toda cheia de bruteza,” (X, 92).

Fica claro que o que pudemos extrair dos textos de Macedo e Patrocínio é uma continuidade da ideologia colonial, uma pequena peça num grande mosaico gerado pelo colonialismo escravista português-europeu, onde grupos étnicos e culturais convivem isolados, um necessariamente estrangeiro e inimigo ao outro, um necessariamente temendo o outro.

No contexto brasileiro onde foram produzidos, Pai-Raiol é tanto mais próximo da visão expressa em Camões por ser de origem e de práticas um africano puro. Balbina, por outro lado, apesar de “cabinda” (portanto, angolana), funde as crenças africanas com as cristãs.

Nas práticas de feitiçaria descritas, Pai-Raiol não tem nenhuma relação com as práticas cristãs. Já Tia Balbina é viva representante do sincretismo religioso. Na primeira consulta da escrava Carolina a ela, parte da “receita” é “uma vela para Nossa Senhora das Dores, outra para S. Benedito e outra para S. Miguel” (Patrocínio 1977: 69).

Para além, pois, da visão mais “simpática” Patrocínio, o que temos é um desdobramento natural daquela alienação do outro que já vemos em Camões: o negro é o mal, o que não é cristão é mau. E, importante, quanto menor a diferença de cor ou credo, menor é o mal. Diferença que vai se manifestar em inúmeros textos literários da época que também verão um “melhor” negro naquele que é nascido aqui, naquele mulato mais miscigenado, naquele escravo mais branco (*A Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães sendo o exemplo clássico).

Num contexto onde tudo que vem da África é mau e grotesco frente à verdade cristã dos europeus, não surpreende a frase de Macedo: “O feitiço, como a sífilis, veio

d'África" (Macedo 1988: 72), que encerra um duplo engano: todas as características de superstição que ele atribui aos africanos podem ser facilmente encontradas nas práticas europeias. E a sífilis veio das Antilhas, trazida por europeus.

## OBRAS CITADAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. 1997. "Vida privada e ordem privada no Império". Fernando A. Novais, org. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. 2: 12-93.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. 2000. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras.

CAMÕES, Luís de. 1972. *Os Lusíadas*. Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora.

MACEDO, Joaquim Manuel de. 1988. *As vítimas-algozes: quadros da escravidão*. São Paulo: Scipione.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. 2008. "Adivinhações, feitiçarias e curas: os poderes naturais e sobrenaturais dos negros e a fé dos senhores de escravos (Rio Grande do Sul/século XIX)". Sandra J. Pesavento, Nádia M. W. Santos & M. S. Rossini, orgs. *Narrativas, imagens e práticas sociais*. Porto Alegre: Asterisco. 211-242.

PATROCÍNIO, José do. 1977. *Motta Coqueiro ou a pena de morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, SEEC/RJ.

SANTIAGO, Silviano. 1977. "Desvios da ficção". José do Patrocínio. *Motta Coqueiro ou a pena de morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, SEEC/RJ.

SÜSSEKIND, Flora. 1988. "As vítimas-algozes e o imaginário do medo". Joaquim Manuel de Macedo. *As vítimas-algozes: quadros da escravidão*. São Paulo: Scipione. xxi-xxxviii.

PAI-RAIO AND TIA BALBINA: BLACKS AND SORCERERS

ABSTRACT: This essay analyzes the image of coloured enchanters in pre-abolition Brazil based on characters Pai-Raiol (*As vítimas-algozes*, Joaquim Manuel de Macedo, 1869) and tia Balbina (José do Patrocínio, 1877). The author summarize the books; analyzes the refered characters features and their differences from each other; and approaches the authors vision related to their catholic background and the general coloured and enchanters in their cultural context.

KEYWORDS: black sorcerer; creole slaves; brazilian literature 19<sup>th</sup> century.

Recebido em 14 de outubro de 2009; aprovado em 30 de dezembro de 2009.